OLHARES E CHINELADAS.
DO CONTO "OS DEDOS DO OLHAR", DE LEILA OTHMAN

Pedro Martins Criado*

RESUMO: Este artigo apresenta uma tradução nossa, feita do árabe ao português, do conto *Nadra lahā 'aṣābi'*, "Os dedos do olhar", da escritora kuaitiana Leila Othman. Ao início, acrescentamos uma breve apresentação da autora e do conto, além de comentários sobre decisões tradutórias referentes a características que criam a atmosfera de suspense e estranhamento.
PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Conto, Literatura Árabe Contemporânea, Leila Othman.

ABSTRACT: This article consists of a translation, from Arabic to Portuguese, of the short story *Nadra lahā 'aṣābi'* ("The fingers of the gaze") by Kuwaiti author Leila Othman. At the beginning, a brief presentation of both the author and the short story was added, as well as comments on translational decisions regarding characteristics which create the atmosphere of suspense and strangeness.
KEYWORDS: Translation, Short Story, Modern Arabic Literature, Leila Othman.

Leila Othman (*Laylà Al'uṯmān*), contista e romancista kuaitiana, nascida em 1943, conquistou a fama de polêmica por seu tratamento aberto de questões sociais e suas críticas aos islamitas. Entre os temas de maior influência em sua obra, estão os conflitos entre homens e mulheres, a aspiração feminina a cargos de poder em meio às hostilidades da sociedade árabe e as guerras do Golfo e do Líbano. Seu uso de palavras provocativas no livro *Arraḥīl* "A partida", de 1979, condenou-a à prisão em 2000, embora o uso impresso dessas palavras tenha sido aprovado pelo próprio governo kuaitiano já em 1984. Ela foi liberada após cumprir dois meses de pena, mediante pagamento de fiança. Ao longo de sua carreira, publicou mais de dez livros de contos, nove romances e inúmeros artigos, com destaque para *Wasmiyya taẖruju min albaḥr* "Wasmiyya sai do mar", de 1986, eleito um dos melhores 100 romances árabes do século, adaptado ao cinema, a um programa de rádio e uma peça de teatro. Desde 2004, nomeia o prêmio bienal Laylà Al'uṯmān, que visa à criatividade de jovens talentos da literatura árabe ficcional.

"Os dedos do olhar", nossa tradução para *Nadra lahā 'aṣābi'*, é a primeira das treze histórias que constituem sua quarta publicação de contos, *Alḥubb lahu ṣuwar*, "As imagens do amor", livro publicado em sua primeira edição pela Dār Alwaṭan do Kuwait, em 1982. O conto apresenta uma linguagem relativamente simples. Vocabulário acessível e sintaxe direta são seus recursos principais, conferindo agilidade à narrativa. A estória que se desenrola conta, sobretudo, com um elemento central próprio do estranho e do suspense. Assim, esta foi a chave principal de compreensão que norteou as decisões

* Mestre em Letras pelo PPG Estudos Judaicos e Árabes, USP. Foi bolsista Capes Demanda Social. Membro do grupo "*Tarjama*: escola de tradutores de literatura árabe moderna".

tomadas pela tradução, a qual visou preservar ao máximo o estranhamento para o leitor e os recursos possíveis que constroem a atmosfera de ansiedade.

Desde o começo do texto árabe, o que mais chama a atenção é o destaque dado à palavra *niᶜāl*, traduzida aqui como “chinelos”. Isso acontece por alguns motivos diferentes. Primeiramente, o destaque da palavra sempre grafada entre aspas parece funcionar para marcá-la aos olhos do leitor, que aprende a temer os calçados ao longo da estória. Em segundo lugar, a escolha da palavra *niʿāl* traz em si um sentido alternativo que certamente se soma ao do contexto em questão. O mesmo termo também pode significar “ferradura” ou “sola de couro que o peregrino do *ḥājj* coloca sob as plantas dos pés”. Não parecendo possível condensar tantos sentidos em um só termo, a solução tradutória foi a escolha do equivalente que aparentasse maior banalidade, visando fortalecer o estranho do enredo e da experiência do protagonista.

Assim como as aspas, o conto traz outras marcas gráficas significativas, com destaque particular para a ocorrência multifuncional das reticências. Ao tentar preservar estas marcas ao máximo sem tornar o texto muito fragmentado em português, houve necessidade de se estabelecer um critério de seleção, uma vez que muitas poderiam surtir o mesmo efeito na tradução. Mesmo assim, diversas ocorrências foram omitidas. Aquelas que foram reproduzidas desempenham papéis variados. Um caso de efeito expressivo de suspense se observa a seguir, somado à repetição dos verbos e advérbios dos chinelos, tornando o momento fortemente visual e tenso, rompido abruptamente pelo golpe que desmaia a personagem:

هاهو "نعاله" القديم، يتحرك.. يتحرك ثم يرتفع.. يرتفع.. يقترب منه.. يقترب.. وقبل أن يغمض عينيه، كان "النعال" يهوى على وجهه بكل عنف. و.. غاب عن الوعي.

> Lá estavam seus velhos chinelos se mexendo... se mexendo, e subindo... subindo... chegando mais perto... e mais perto... e, antes que fechasse os olhos, os chinelos despencaram sobre seu rosto com toda a força e ele... perdeu a consciência.

Outros usos dessa pontuação cumprem funções desempenhadas por outras marcas na tradução ao português. A organização textual já é, via de regra, diferente em cada língua, fazendo que o contexto semântico seja determinante para a transposição das marcas de pontuação. Um exemplo é a passagem a seguir, em que a fala do protagonista ao amigo contém apenas reticências, porém, traduzida à lógica da pontuação em língua portuguesa, apenas o último caso é devidamente preservado, sendo os outros correspondentes, respectivamente, ao fim de um primeiro período e a uma marca de interrogação:

- أضعتُ مفتاح البيت.. قلت لمن ألجأ في هذا الليل الموحش.. فلم أجد إلّا بابك..

> — Perdi a chave de casa. Pensei "quem poderia me abrigar nesta noite sombria?", e só encontrei a sua porta...

Pode-se destacar ainda mais um efeito desse recurso. Por vezes, ele aparece como uma intenção de criar lacunas entres as palavras para lhes conferir um aspecto de discurso direto, ou monólogo interno do protagonista. As quebras de ritmo no texto enfatizam o fluxo de pensamento espontâneo da personagem, como ocorre exemplarmente no seguinte momento de reflexão:

> إلّا هو... المسكين.. المظلوم.. لماذا لا تكون له وظيفة كبيرة.. ومكتب فخم.. وسكرتارية!
> وموظفون يأمرهم.. فيأتمرون.. وفرّاشون يصرخ في وجوههم فيرتعدون، ومراجعون يأتون..
> ويذهبون.. ثم يأتون.. ويذهبون.. وهو يتسلى بلهفتهم على إنجاز معاملاتهم، فيؤخرها يوماً بعد
> يوم.. حتى يلمح ذل التسول في عيون أصحابها.. عندها يتعطف ويتكرم عليهم بإنجازها.

> Só ele... coitadinho... injustiçado... Por que não tinha um cargo alto, escritório chique e secretária? Subalternos às suas ordens, obedientes? Assistentes para lhes berrar na cara e fazer tremer, e que pacientemente vêm... e vão... e vêm... e vão? E ele a se divertir com a ansiedade que têm por terminarem as tarefas, atrasando-as dia após dia, até que perceba um cisco de súplica em seus olhos, simpatize com eles e seja generoso quanto aos prazos.

Nota-se que o texto original é ainda mais fragmentado do que aquilo que a tradução dá conta de reproduzir. Isto parece recorrente e se explica pela formulação mais sintética que é característica do árabe, tornando possível que trechos curtos possam ocorrer isolados, transmitindo cargas completas de sentido. Desta possibilidade surgem efeitos variados, como os mencionados neste breve comentário. Tais marcas foram preservadas quando o mesmo efeito pudesse ser reproduzido, tanto neste caso quanto nos demais.

Os dedos do olhar

No silêncio da noite, algo o sacudiu e o agitou, como uma picada. Ergueu-se na cama, passou os olhos pela escuridão que encobria o espaço, mas não viu nada... Apalpou o corpo, mas nada encontrou que indicasse um ataque de inseto, ou de outro animal, como aqueles gatos que pulam na sua janela toda noite.

Voltou a esticar o corpo sonolento no colchão. Quando repousou a cabeça no travesseiro examinando o chão à sua volta, apertou os olhos para crer no que via... No começo, achou que fosse o sono, brincando com a sua vista e projetando aquela cena. Mas tudo ficou claro quando estendeu a mão até a cortina que cobria a janela e escondia a cama. Abriu um de seus lados, deixando entrar finos raios de luz, iluminando o que via à sua frente.

Lá estavam seus velhos chinelos se mexendo... se mexendo, e subindo... subindo... chegando mais perto... e mais perto... e, antes que fechasse os olhos, os chinelos despencaram sobre seu rosto com toda a força e ele... perdeu a consciência.

Pela manhã, não se lembrava de nada. Era como se tivesse tido um sonho qualquer. Porém, quando se olhou no espelho para se barbear, percebeu um hematoma na têmpora e lembrou-se do que acontecera de noite. Então, achou por bem deixar seus chinelos toda noite no banheiro.

Caminhou descalço, aguentando o frio do piso que cortava seus pés, mas que era muito mais clemente do que poderia lhe acontecer, caso calçasse os chinelos...

Enfiou-se na cama bocejando... relaxando. Amontoou o cobertor de lã sobre o corpo e lembrou-se de algo... então, puxou a manta até cobrir-lhe toda a cara larga — odiando fazê-lo — mas acabou se rendendo ao sono.

De repente!

Acordou com o som de um rangido... lembrou-se de que não fechara a porta do banheiro... Amaldiçoou sua estupidez. Ao que se preparou para levantar, viu-os na escuridão como o rosto de uma coruja, vindo a toda em sua direção...

Eles...

Os chinelos! Voando em sua direção!

Fugiu de novo para a cama, puxou a manta e, antes que pudesse esconder o rosto, os chinelos lhe estapearam a cara com força, e ele se debateu até perder os sentidos.

O jeito era fugir!

Decidiu... não mais dormir em casa. Foi a um amigo, cujo sangue frio ele detestava. Pensou em contar-lhe o caso, mas estava certo de que seu gélido amigo explodiria feito pólvora em contínuas gargalhadas, e só lhe confirmaria que estava mesmo louco!

Guardou o problema no peito e inventou uma desculpa:

— Perdi a chave de casa. Pensei “quem poderia me abrigar nesta noite sombria?”, e só encontrei a sua porta...

O amigo lhe saudou com a frieza costumeira:

— A casa é sua.

Abrira-se um canal de alívio. À noite, dormiria nas nuvens, depois de duas noites seguidas em que os chinelos lhe acertavam a cara e o enchiam duma preocupação insuportável.

No quarto do amigo, havia uma estreita cama de madeira que mal lhe aguentava o peso, mas ele a sentiu como um campo relvado em que soprava uma brisa delicada e espectros florais de sonhos se moviam.

Esta noite... não há preocupação! Nem insônia! Nem... chinelos... Rendeu-se a um sono tranquilo. De início, roncou tanto que fez o amigo vir acordá-lo para fechar a porta do quarto. Quando andou dois passos... viu os chinelos do amigo jogados na sala. Curvou-se e levou-os aonde o homem dormia, então fechou a porta com a mesma calma com que a abrira e que nem mesmo os insetos da noite puderam ouvir.

Revirou-se na cama apertada e, antes de virar para o outro lado, notou algo se movendo no escuro. Seguro de que os chinelos estavam fora do quarto, abriu os olhos para ter certeza do que estava se mexendo... porém, mal firmara o olhar, os chinelos já

lhe deram uma porrada. Não conteve o grito de horror que lhe saiu do peito e rasgou o silêncio da noite nos ouvidos do amigo, que veio correndo averiguar confuso.

Pela manhã, decidiu procurar um médico. Se não tivesse confiança de que ele não revelaria seu caso a ninguém, pensaria duas vezes antes de bater à sua porta, pois odeia médicos. Odeia tratar com aqueles que ganham a vida com segredos, mas se esquecem do juramento prestado. Assim que se reúnem na casa dos amigos, ou num consultório, ou em visitas particulares, começam a zombar das histórias dos pacientes e de suas condições psíquicas, gargalhando, como se contar as histórias e terapias das pessoas fosse uma vitória que atraísse quem as ouve. Por isso, odeia ir parar diante das portas dos consultórios, seja para tratamento ou consulta.

Mas hoje a situação é diferente. Não se trata de uma questão de saúde sobre a qual possa se calar. Há aqui uma verdade que o espreita noite após noite, tira-lhe o sossego e o arranca da cama, para onde ele não volta até o fim da noite, esgotado. O sono não vem com facilidade... ele fica longas horas avaliando seu dia, retomando todos os seus eventos, momentos, rostos amigos e estranhos, até daqueles que têm autoridade para lhe dizer “faça” ou “não faça”. Daqueles que acomodam seus traseiros com toda segurança em assentos confortáveis e cargos que não são qualificados a preencher, mas que conseguiram graças a cartas de recomendação, nepotismo, ou diplomas que não conquistaram com o suor da própria testa, mas com o suor que respinga em presentes e maços de dinheiro enrolado.

Só ele... coitadinho... injustiçado... Por que não tinha um cargo alto, escritório chique e secretária? Subalternos às suas ordens, obedientes? Assistentes para lhes berrar na cara e fazer tremer, e que pacientemente vêm... e vão... e vêm... e vão? E ele a se divertir com a ansiedade que têm por terminarem as tarefas, atrasando-as dia após dia, até que perceba um cisco de súplica em seus olhos, simpatize com eles e seja generoso quanto aos prazos.

Ah!

Sonhava... Sonhava que alcançaria a posição que merecia, mas todo encarregado o mandava a outro encarregado, passando de cargo a cargo, ora mais baixo, ora mais alto, mas ele ia rapidamente rolando de volta... para o nada!

Odiava as pessoas, odiava o trabalho, odiava todos os rostos felizes, odiava as mulheres. Imaginava mesmo que toda mulher bonita não passava de mera coruja, e toda mulher bem-sucedida era um perigoso obstáculo às capacidades e à criatividade que ele considera latentes em sua mente, mas que ninguém descobrira ainda! Odiava as costas das pessoas que passavam à sua frente sem vê-lo. Queria mesmo que os olhos das pessoas aparecessem nas costas! Ou que fossem móveis como olhos de mosca, para que o captassem e lhe abrissem caminho, mesmo que fossem caminhos estreitos. Tudo isso e muito mais o acometia durante o dia! À noite, aqueles chinelos malditos vinham perturbar-lhe a tranquilidade do sono, ao que ele cedeu e foi ao médico, cuja consulta se fazia não só necessária, mas também urgente.

O médico o olhava com nítida preocupação – ele parecia de fato doente, apesar de não ter informado ao médico seu quadro clínico –, acompanhando o relato da história.

Ele conversava abatido, com a voz sumindo, ofegante... Descrevia, angustiado, o sentimento de humilhação que toda noite os chinelos lhe davam, como que encravado sob sua pele. Parecia sem esperança de que houvesse qualquer solução rápida possível.

Com tranquilidade, o médico acompanhava, o que fez com que ele desse livre curso à descrição de seu estado. Antes que lhe fizesse uma pergunta, ele a respondia, como se lesse os pensamentos do médico:

— Já fiz de tudo para afastar este ataque noturno. Da última vez — depois da qual decidi logo vir a você pedir ajuda — eu já vinha guardando meus chinelos num cofre novo, trancado a sete chaves.

— Ah... imagino que tenha dormido sossegado àquela noite!

— De forma alguma, doutor... — suspirava — tão logo o sono invadia minhas pálpebras, eles me surpreendiam com um ataque devastador e se revezavam para me bater até me machucarem a cara. Veja só – virou a cara larga para a direita e para a esquerda, olhando para o médico, que ergueu as sobrancelhas, surpreso:

— Que estranho! Tudo isso foram os sapatos? Como?

— Não sei! Pela manhã me deparei com a porta do cofre quebrada. Lá dentro, estavam os sapatos amontoados, como se nunca tivessem se movido, nem tivessem feito nada à minha cara.

O médico perguntou-lhe demonstrando uma preocupação evidente:

— Você maltrata os seus sapatos durante o dia para que venham revidar durante a noite?

Ele disse, com uma voz ligeiramente agitada:

— Jamais, doutor. Não os maltrato... Apenas os utilizo para bater nas costas das pessoas.

O médico ergueu a sobrancelha, demonstrando-se surpreso:

— Bater nas costas das pessoas...?

Balançou a cabeça:

— Sim, sim.

— Mas... Por quê?!

— Não sei, doutor. Esse sentimento me domina sempre que vejo uma pessoa me ultrapassando, e então reajo... me revolto... até os átomos da minha alma se revoltam furiosamente. Sinto quem me ultrapassa como se me desafiasse, alegremente me dando as costas, enquanto eu fico para trás, caminhando lento, carregando minha pesada pança. Então, não vejo mais nada, a não ser minha mão segurando os chinelos ou sapatos, despencando-os sobre as costas de quem estiver na minha frente...

Mal acreditando naquilo, o médico perguntou:

— E as pessoas? Qual é a reação delas???

Esticou o gordo pescoço como o de um búfalo, afrouxando o nó da gravata de cores chamativas:

— As pessoas têm reações diferentes, doutor. Algumas se viram realmente chocadas, mas nem ousam abrir a boca, como se estivessem diante de um maluco com quem temessem entrar em confronto desigual. Outras despejam enxurradas de insultos e

xingamentos mordazes, que me fazem estacar na frente delas, mudo, sem saber como explicar meu ato. O último fugiu, distribuindo pancadas e me cuspindo na cara...

— E você... aceita a humilhação? — Perguntou o médico, ansioso por saber a resposta!

— Eu não ligo, doutor. Ao contrário, fico feliz por provocar repulsa e raiva nas pessoas. Só não gosto da reação que me açoita... Sinto-lhe os açoites me ardendo no corpo e o rasgando, então paro diante dele, derrotado, corroendo-me e sendo corroído...

O médico indagou ansioso:

— Poxa vida! Que reação te causa isso?

— A virada! — rangeu os dentes de raiva — A virada! Imagine só, apenas se viram e me lançam um olhar de enorme desprezo... e então me dão as costas, como se eu não passasse de uma barata, ou rato, ou mesmo percevejo mordendo-os de surpresa. Humilhação, humilhação... inunda meu espírito e eu a bebo de uma vez.

— E você? Como interpreta essa atitude deles?

Bateu na mesa do médico e todos os papéis voaram. O copo d'água tremeu na quina da mesa, então ele o pegou, molhou a boca com um gole e gritou:

— É isso que me enlouquece! Por que eles não fazem nada?! O golpe não os machuca? — então garantiu, como se se lembrasse de algo — E olha que bato com força! Haha...

O médico riu até que uma baba branca se formasse em volta de seus lábios. Enquanto isso, o homem estava boquiaberto, sem sentir nada, nem mesmo a mosca que lhe pairava em volta da boca e que nela teria entrado, não fosse o médico ter estendido a mão para o mata-moscas de plástico e tê-lo acertado bem no canto da boca. Mas a mosca foi mais rápida que o golpe do médico, que atingiu o homem na cara. Ele não se moveu, como se não tivesse sentido nada.

— O golpe não machucou? — Perguntou o médico.

— Não...

— Incrível! Não sentiu nada?!

— Não...

O médico suspirou. Disse em voz baixa, como se falasse consigo mesmo:

— Muitos golpes não doem, nem machucam, mas...

O paciente o interrompeu:

— Mas... estes olhares que lançam desprezo...

O médico sacudiu a cabeça, concordando:

— Exato: são eles que te machucam. O olhar diz mais que as palavras. Mais que os chinelos.

O paciente irrompeu em lágrimas como se nunca tivesse chorado na vida. Sua banha balançava, as pelancas dançavam e os peitos pareciam os de uma lactante.

Naquele momento, o assistente do médico entrou no consultório e lhe entregou o jornal enrolado. Quando o médico o abriu diante dos olhos do paciente, o assistente comentou:

— Um dos pacientes que tiveram alta deixou estes chinelos sobre o leito.

O médico sorriu. Fixou o olhar no rosto do gordo paciente e murmurou:
— Talvez tenha sido um doente que quis se livrar da doença.

نظرة لها أصابع

هزّه في صمت الليل شيء فانتقض كملدوغ.. استقام في فراشه، جالت عيناه في الظلام المطبق على المكان فلم ير شيئاً.. تحسس جسده فلم يجد مايشير إلى اعتداءٍ ما.. من حشرة! أو حيوان كتلك القطط التي تقفز على نافذته كل مساء.

عاد وأرخى جسده الناعس على الفراش، وحين استقر رأسه على الوسادة تطّلع إلى الأرض حوله.. حدّق مستعيناً بكل طاقة عينيه ليصدق ما يرى.. في البداية حسب النعاس يتلاعب بنظره فيصور له المشهد، لكن الأمر صار واضحاً حين امتدت يده إلى الستارة المنسدلة على النافذة التي يقبع سريره تحتها، سحب طرفها فتسللت أنامل رفيعة من الضوء، ووضحت أمامه الرؤية..

هاهو "نعاله" القديم، يتحرك.. يتحرك ثم يرتفع.. يرتفع.. يقترب منه.. يقترب.. وقبل أن يغمض عينيه، كان "النعال" يهوى على وجهه بكل عنف. و.. غاب عن الوعي.

في الصباح، لم يكن يتذكر شيئاً، وكأن حُلماً عادياً قد مرّ به كباقي الأحلام، لكنه حين نظر إلى المرآة ليحلق ذقنه، لمح بقعة زرقاء على صدغه فتذكر ماحدث في الليل، فقرر بينه وبين نفسه أن يترك "نعاله" كل ليلة داخل الحمام.

مشى حافياً.. لسعت قدميه برودة البلاط، لكنه احتملها، فهو أرحم بكثير مما يحدث لو أنه صحب "النعال" في قدمه.

اندس في فراشه متثائباً.. مرتاحاً.. وكوّم الغطاء الصوفي على جسده وتذكر شيئاً.. فسحب اللحاف حتى ستر به كل وجهه العريض – وكان يكره هذه الطريقة – ثم استسلم للنوم.

فجأة!

صحا على صوت باب يصطفق.. تذكر أنه لم يوصد باب الحمام.. لعن غباءه.. وما ان تهيأ للنهوض.. حتى رآه في العتمة آتياً كوجه بومة.. مسرعاً نحوه...

هو...

نعاله! يطير إليه.

هرب إلى الفراش ثانيةً.. سحب اللحاف.. قبل أن يتمكن من إخفاء وجهه. كان "النعال" قد صفعه بحدة. و.. ارتجف حتى الإغماء.

لا وسيلة إلّا الهرب!

قرر.. ألّا ينام في بيته، ذهب إلى صديق يكره فيه برودة أعصابه... فكّر أن يحكي له الحكاية، لكنه كان متأكداً من أن هذا الصديق البارد سينفجر كالبارود بضحك متواصل ويؤكد له بأنه مجنون!

كتم أمره داخل صدره، واختلق حجة لصديقه:

- أضعتُ مفتاح البيت.. قلت لمن ألجأ في هذا الليل الموحش.. فلم أجد إلّا بابك..

رحب به الصديق ببروده المعتاد:

- البيت بيتك.

وانشقت قناة راحة.. الليلة سينام نوماً ورديا.... بعد ليلتين متواصلتين ملخ "نعاله" فيهما وجهه، وعبأ نفسه قلقاً لايُحتمل.

في غرفة صديقه سرير خشبي ضيّق لا يكاد يحمل جسمه.. لكنه أحسَّ به حقلاً معشباً تتماوج نسيماته حوله، فتحرك أطياف أحلام وردية.

الليلة.. لا قلق! ولا أرق! ولا.... "نعال"... استسلم لنوم عذب، شخر في البداية شخيراً جعل الصديق يقطع رحلة نومه ليغلق عليه الغرفة وحين سار خطوتين.. لاحظ "نعال" الرجل مقذوفاً في الصالة.. فانحنى وحمله إلى حيث ينام الرجل، ثم أغلق الباب بالهدوء نفسه الذي فتحه به والذي لا تكاد تسمعه حتى حشرات الليل.

تقلّب على السرير الضيق وقبل أن يستدير إلى الناحية الأخرى لمح شيئاً يتحرك في الظلام، ولأنه كان متأكداً من أن "نعاله" خارج الغرفة، فقد فتح عينيه على اتساعهما ليتأكد من هذا الشيء المتحرك.. لكنه ما كاد يستقر بنظرته حتى صفعه "النعال" صفعة جامدة، فلم يقاوم صرخة الرعب التي صدرت فشقت سكون الليل في أذن الصديق الذي جاء مهرولاً... مستفسراً.

في الصباح.. قرر أن يقصد طبيباً.. ولولا ثقته بأن هذا الطبيب لن يبوح بأمره.. لما فكر بأن يدق بابه، فهو يكره الأطباء، يكره التعامل مع من يؤكدون حرصهم على سرّ مهنتهم، لكنهم ينسون القسم الذي أدّوه، فما أن يجتمعوا في بيت أحد أصدقائهم، أو في إحدى الديوانيات، أو الزيارات الخاصة.. حتى يبدأوا بالتندر بحكايات المرضى، وأحوالهم النفسيّة، ويقهقهون كأنهم بسرد حكايات الناس ومعالجتها قد أحرزوا انتصاراً يقرّب لهم من يسمعهم، لذلك كره الوقوف على أبواب عياداتهم للعلاج أو الاستشارة.

لكن الأمر يختلف اليوم، فالوضع ليس وضعاً صحيّاً فيسكت عليه، هنا حقيقة تترصده كل ليلة.. تقضّ راحته، تنفّره من فراشه الذي لا يأوي إليه إلّا آخر الليل منهكاً، فلا يأتيه النعاس بسهولة... فهو يبقى ساعات طويلة يستعرض نهاره الطويل، يستعيد كل أحداثه، كل لحظاته، كل الوجوه الأصدقاء، الغرباء، حتى أولئك الذين يملكون أن يقولوا له افعل.. ولا تفعل. أولئك الذين عرضت مؤخراتهم من طول استقرارها على المقاعد الوثيرة في وظائف لا يحملون مايؤهلهم لسد فراغاتها إلا ما حصلوا عليه من أوراق التوصية والوساطة أو شهادات لم يحصلوا عليها بعرق الجبين بل بالعرق المبللة به الهدايا أو الأوراق النقدية المتراصة.

إلّا هو... المسكين.. المظلوم.. لماذا لا تكون له وظيفة كبيرة.. ومكتب فخم.. وسكرتارية! وموظفون يأمرهم.. فيأتمرون.. وفرّاشون يصرخ في وجوههم فيرتعدون، ومراجعون يأتون.. ويذهبون.. ثم يأتون.. ويذهبون.. وهو يتسلى بلهفتهم على إنجاز معاملاتهم، فيؤخرها يوماً بعد يوم.. حتى يلمح ذل التسول في عيون أصحابها.. عندها يتعطف ويتكرم عليهم بإنجازها.

هِهْ!

حلم.. حلم أن يحققوا له ما يستحقه من مكانة، فكل سئول يحذفه إلى مسئول آخر وكل وظيفة تلفظه إلى وظيفة إما أدنى منها أو أعلى لكنه سرعان ما يتدحرج إلى.. لا شيء!

كره الناس، كره العمل، كره كل الوجوه السعيدة، كره النساء. حتى تصوّر أن كل امرأة جميلة مجرد بومة، وكل امرأة ناجحة هي منافس خطير لقدراته، وإبداعاته التي يظنها كامنة في عقله.. ولم يكتشفها أحد بعد! كره ظهور الناس التي تسير أمامه فلا تراه.. حتى أنه تمنّى لو تصير عيون الناس في ظهورهم! أو كعيون الذباب المتحركة لتلمحه فتفسح له الطريق حتى وإن لم تكن طريقاً ضيقة. كل هذا وغيره يعانيه في نهاره! وفي الليل.. يأتي هذا "النعال" اللعين ليفسد عليه متعة النوم.. مما جعله يتنازل.. ويذهب إلى الطبيب الذي أصحبت استشارته ضرورية.. بل.. ومُلحّة.

كان الطبيب ينظر إليه باشفاق واضح – يبدو أنه مريض فعلاً، رغم أنه لم يعلن للطبيب عن حالة مرضية – تابع سماع قصته. كان يحسه حزيناً وهو يتحدث والعياء اللاهث بادٍ في صوته.. متألماً وهو يصور إحساسه بهذا الذل الذي يلقاه كل ليلة تحت جلدة "نعاله". ويبدو يائساً.. من حلٍ سريع ينقذه.

تابعه الطبيب بارتياح جعله يسترسل في وصف حالته، وقبل أن يوجه له سؤالاً كان يكمل، وكأنه قرأ أفكار الطبيب:

- لقد فعلت كل الشيء من أجل أن أتجنّب هذا الغزو الليلي.. آخر مرة – التي قررت أن آتيك إثرها طالباً العون – كنت قد وضعت "نعالي" في خزانة حديدية وأغلقت عليه بالمفتاح.

- هِهْ.. وأظنك نمت مرتاحاً تلك الليلة!

- أبداً... أبداً يا دكتور.. – ونفخ – ما إن غزا النعاس أجفاني.. حتى فاجأتني كلها بهجوم كاسح وتناوبت في ضربي حتى تجرّح وجهي. أنظر.

وحرك وجهه العريض يمنة ويسرة أمام وجه الطبيب الذي رفع حاجبيه مستغرباً:

- غريب! كل الأحذية؟ كيف؟

- لا أدري! في الصباح فوجئت بباب الدولاب مكسوراً.. وكانت الأحذية بداخله متراكمة وكأنها لم تغادر مكانها، ولم تفعل شيئاً بوجوهي.

سأله الطبيب، وقد بدا الاهتمام واضحاً في سؤاله:

- هل تقسو على أحذيتك في النهار حتى تتكاتف عليك بالليل؟

قال بصوت لايخلو من انفعال:

- أبداً يا دكتور.. أنا لا أقسو عليها.. أنا فقط أستخدمها لضرب ظهور الناس.

ارتفع حاجبا الطبيب، لاح استغراب:

- تضرب ظهور الناس؟

هزّ رأسه:

- نعم.. نعم..

- ولكن! لماذا؟؟

- لا أدري يا دكتور.. هذا شعور يفاجئني كلما رأيت إنساناً يسير ويسبقني بخطواته.. فأنفعل.. وأثور.. حتى الذرات الصغيرة في نفسي تثور ثورة العاصفة.. أحس بمن يسير أمامي وكأنه يتحداني سعيداً وهو يخلفني وراءه أحمل كرشي الثقيل وأسير بطيئاً.. فلا أعى نفسي إلّا ويدي تحمل "النعال" أو الحذاء وتهوى بها على ظهر الذي أمامي..

سأل الطبيب وهو لايكاد يصدق:

- والناس؟؟ الناس ما ردّة الفعل لديهم؟؟

مط عنقه الثخين كعنق جاموسة، أوسع من عقدة "الكرافتة" ذات الألوان الصارخة.

- الناس يا دكتور تتفاوت ردود فعلهم. بعضهم يلتفت وقد صعقته الفعلة.. ولا يجرؤ حتى على فتح فمه وكأنه أمام مجنون يخشى أن يدخل معه في معركة غير متكافئة، وبعضهم يمطرني بوابل من السباب والشتائم اللاذعة التي تجعلني أقف أمامها صامتاً لا أدري كيف أبرز له فعلتي.. ونفر آخر ينهار عليّ بالضرب، ويبصق في وجهي.

- وأنت.. هل ترضي بالإهانة؟

سأله الطبيب وهو متلهف لمعرفة الإجابة!

- لا أهتم يا دكتور.. بالعكس، أنا أسعد حين أثير اشمئزاز الناس وغضبهم. مالا يرضيني فقط هو الرد الذي يجلدني، أحس سياطه تلهب بدني فتمزقه. وأقف حياله مقهوراً آكل نفسي.. وتأكلني نفسي.

وبلهفة تساءل الطبيب:

- ترى! أي الردود يفعل بك هذا؟؟

- لفتة! – وصرّ على أسنانه بغيظ – لفتة! تصور فقط يلتفتون.. ونظرة احتقار كبير تطل من أعينهم.. ثم يستديرون عني وكأنني لست إلّا مجرد صرصار أو جرذٍ أو حتى بقة تعرضوا لقرصة مفاجئة منها.. إهانة إهانة.. تندلق إلى روحي فأكرعها مرة.

- وأنت! بماذا تفسّر هذا الفعل منهم؟

خبط على طاولة الطبيب فتطايرت بضع أوراق واهتز كوب الماء الموضوع على طرف الطاولة فأمسك به .. بلل ريقه بقطرة منه وصرخ:

- هذا ما سيفقدني عقلي.. لماذا لا يفعلون شيئاً! ألا يؤملهم الضرب؟

وأكد كمن تذكر شيئاً – إنني أضرب بقسوة – ها.. ها...

ضحك الطبيب حتى تجمّع لعاب أبيض حول شفتيه، بينما الرجل فاغر فاه لا يشعر بشيء ولا بالذبابة الي حامت حول فمه وكادت تدلف إليه لولا أن امتدت يد الطبيب بمطرقة النايون وهوت بها على مكان الذبابة عند طرف شفة الرجل.. لكن الذبابة كانت أسرع من الضربة التي هوت على وجه الرجل، فلم يتحرك وكأنه لم يحس بالضربة.

- هل آلمتك الضربة؟

سأله الطبيب.

- لا..

- عجيب! ألم تشعر بها؟؟

- لا..

تنهّد الطبيب. قال بصوت خفيض كأنه يحدث نفسه:

- كثير من الضرب لا يؤلم.. ولا يؤثر ولكن!

قاطعه المرضي:

- ولكن.. تلك النظرات التي تفوح احتقاراً.

هز الطبيب رأسه مؤكداً:

- أجل. هي التي تؤلمك. رب نظرة أبلغ من كلام. أبلغ من "نعال".

أجهش المرضي كأنه ما عرف البكاء أبداً.. ارتج شحم جسده حتى تراقصت زوائد خاصرتيه، وثدييه اللذين يشبهان ثديي مرضع دؤوب.

تلك اللحظة.. دخل الفرّاش غرفة الطبيب.. وقدم له لفافة.. ورقة جريدة.. حين فتحها الطبيب أمام عين المريض كان الفراش يشرح:

- أحد المرضى الذين غادروا المستشفى ترك نعاله هذا على السرير.

ابتسم الطبيب. ركّز نظرته على وجه المريض السمين وتمتم:

- لعله مريض أراد التخلص من مرضه.

Recebido em: 09/09/2019 **Aceito em:** 31/10/2019

Referência eletrônica: CRIADO, Pedro Martins. Olhares e chineladas. Do conto “Os dedos do olhar”, de Leila Othman. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: dd mmm. aaaa